

Identidade e hibridismo em A árvore das palavras de Teolinda Gersão

Bárbara dos Santos

Université Bordeaux Montaigne

AMERIBER EA3656 - Amérique latine, pays ibériques

e-mail: barbara.dos-santos@u-bordeaux-montaigne.fr

RESUMO

*O presente artigo tem como objectivo propor uma reflexão sobre questões ligadas à busca de identidade na obra *A árvore das palavras* de Teolinda Gersão. Trata-se de observar como o contacto entre as culturas africanas e portuguesas durante a época colonial tiveram não só consequências na formação identitária dos povos colonizados como também nas famílias portuguesas que residiam em África. As noções de alteridade, diversidade e hibridismo serão interrogadas aqui para melhor percebermos a força criadora da obra.*

Palavras-chave: ***identidade; hibridismo; fragmento; Teolinda Gersão.***

ABSTRACT

*This article aims at a reflection on issues related to the search for identity in Teolinda Gersão's *The Tree of Words*. It is a question of examining how, during the colonial era, the contact between African and Portuguese cultures not only had consequences for the shaping of identity of the colonized people, but as well for the Portuguese families residing in Africa. The notions of otherness, diversity and hybridism will be addressed here so as to better understand the creative power of the novel.*

Keywords: ***identity; hybridism; fragment; Teolinda Gers***

INTRODUÇÃO

A obra *A árvore das palavras* de Teolinda Gersão propõe um belíssimo testemunho das relações intrínsecas que ligaram os portugueses ao continente africano. Este romance mostra-nos a experiência do real, do vivido, um registo da forma como o ser humano se ligou ao seu meio apesar de contextos complexos e por vezes destruidores. Escrito em 1997, esse romance trata de uma família (de classe média baixa) que emigrou para Moçambique em busca de melhores condições de vida. Relata a infância e a adolescência de Gita, filha de Amélia e Laureano, nascida em Moçambique. Esta personagem aparece como o eixo central do romance apesar da mãe também desempenhar um papel fulcral na diegese. O retrato da sociedade moçambicana durante a colonização é feito aqui de forma relativamente neutra, embora a autora não deixe de apontar para elementos simbólicos importantes que reenviam para as injustiças que ocorriam nessa época.

A árvore das palavras mostra como a identidade dos filhos dos antigos colonos portugueses apresenta características ligadas ao fenómeno de hibridismo cultural devido aos sentimentos de pertenças múltiplas que nutrem pelo espaço físico e humano onde cresceram. De facto, é interessante observar como o conceito de hibridismo, caro às teorias pós-coloniais devido aos diferentes universos identitários simbólicos que os africanos herdaram da colonização, também parece pertinente no caso dessa geração de portugueses cujas raízes culturais também se encontram plantadas nos jardins africanos da infância.

O nosso presente trabalho pretende observar, através da evolução da personagem de Gita, a forma como o sentimento de pertença à sociedade africana criou raiz, os conflitos identitários que dele decorreram e finalmente a visão transterritorial que esta obra propõe.

Embora Teolinda Gersão só tenha permanecido durante um prazo relativamente curto (cerca de seis meses) em Lourenço Marques na época colonial, a sua estadia foi, segundo as suas palavras, uma experiência que a marcou incontestavelmente. No romance, descobrimos o percurso de uma portuguesa, Amélia, que deixou Portugal depois de uma desilusão amorosa sem conseguir evoluir socialmente. A personagem acabou por se casar por via de um anúncio com Laureano Capítulo, que vivia em Moçambique. Laureano é-nos apresentado desde

o início do romance como uma personagem oposta a Amélia. Trata-se de uma pessoa humilde e sem grande ambição, que valoriza as coisas simples da vida. Do casamento deles nasceu Gita, a personagem central do romance.

A primeira parte da obra é relatada através do olhar e das recordações de Gita. Essas lembranças são imediatamente associadas ao espaço físico onde se desenrola grande parte da diegese já que a narração começa pela descrição da casa onde vivia. A casa dividia-se em duas: a casa branca e a casa preta. A casa branca pertencia à mãe de Gita, Amélia, e a preta à Lóia, a ama africana. O quintal que cercava as casas é descrito por sua vez como um quintal selvagem “que se amava ou odiava” e ao qual se pertencia ou não (Gersão, 1997: 11). Essa arquitetura participa da visão dicotômica da narradora-criança que opõe o mundo dos colonos portugueses ao dos africanos colonizados. Essa lógica binária sobressai aliás constantemente na narração opondo o que é selvagem ao civilizado e/ou Moçambique a Portugal. Essa leitura simplificada é feita através das recordações de Gita criança que desde o início da narração exprime claramente a sua posição: “Eu pertencia à Casa Preta e ao quintal.” (Gersão, 1997: 11) A casa branca, associada à mãe, uma costureira que desejava enriquecer e tornar-se uma mulher rica e requintada, simboliza na obra a tristeza e o medo. Em oposição, a casa preta é descrita como um espaço de felicidade, com luz e vida, onde se dançava e cantava. Não existia nenhum sentimento de medo nessa casa em que a morte fazia parte da vida: “Assim, as flores nunca morriam muito tempo, voltavam outra vez a abrir...” (Gersão, 1997: 12). As recordações de Gita são divulgadas de forma fragmentada e evocam sensações de bem-estar e de alegria. A casa preta chega a ser associada ao paraíso: “Não havia separações entre os espaços, nem intervalos a separar os dias. Porque o corpo ligava a terra ao céu.” (Gersão, 1997: 17). Por isso, percebe-se que os conceitos de bem e de mal são subjacentes a essas descrições, numa lógica que vai ao encontro da mentalidade imperialista da época.

Por extensão, também é possível observar como a narradora não se identifica com Portugal, que aparece como um país asfixiante:

Foi quando Joana foi passar férias a Portugal com a família, e trouxe muito que contar quando voltou:

Lá viver era uma aflição, disse ela, era tudo proibido. Mesmo namorar.

Não se ia ao cinema com rapazes, porque podia parecer mal, de resto vivia-se no terror de parecer mal. Nem se respirava, para não parecer mal. (Gersão, 1997: 201).

Portugal é visto como um país em que a sua população vive constantemente com medo. A população vivia sob o peso de uma moral religiosa em que as mulheres não podiam se vestir como queriam e muito menos frequentar homens sem serem casadas. Nessa sociedade em que cada um era vigiado pelo próprio vizinho, a política salazarista da época também impunha um silêncio autoritário. Restavam as preocupações superficiais das meninas que viviam uma vida “estreita” e “pasmada” (Gersão, 1997: 203). Nesse país em que tudo era “pequeno e acanhado”, as pessoas viviam coladas umas às outras, sempre juntas, sem ar (Gersão, 1997: 202).

Em oposição, Moçambique aparece como já vimos como um país encantador, um espaço em que o ser humano consegue estabelecer uma relação intensa com o seu meio:

Estamos agora na varanda, sentados nas cadeiras, como se dormíssemos de olhos abertos. Está calor ainda, a casa dorme, o telhado dorme, o quintal dorme. É o tempo húmido de Verão, há um cheiro diferente na terra e no vento, asas de insectos batem, algures, há um zumbido de vespas, ou de abelhas, nos ouvidos. [...] É verdade que uma certa embriaguez nos assaltava, tomava conta de nós, África entorpecia-nos, sim, entrava dentro de nós como um bruxedo. (Gersão, 1997: 63).

Gersão mostra como as relações entre os próprios filhos de colonos e os portugueses não eram tão harmoniosas como podiam parecer. Existia de facto uma hierarquia de valores que até se impunha entre os portugueses de Portugal e os das colónias.

Tudo favas contadas, penso. Tudo favas contadas. A prima de África terá naturalmente de ajudar no serviço de casa, e para que isso vá sendo sugerido desde já oferecemos-lhe lugar no quarto da outra, que

também ajuda no serviço de casa – porque é claro que quem vem de fora e se acolhe por favor a bem dizer não possui quaisquer direitos e tem de merecer o seu pão servindo os que estão dentro –
A vida estreita e pasmada, a falta de ar e de espaço no país-casa-das-primas. Seja como for, não tenho alternativa. (Gersão, 1997: 237).

Portugal aparece, de facto, como um país mal pensado e mal governado que não dialoga com os africanos. A figura do Velho, que faz directamente referência a Salazar, é evocada várias vezes enquanto figura autoritária. Gita exprime o desejo, na terceira parte do romance em que já é uma jovem adolescente, de ver essa figura cair para que a ordem social de Portugal e dos países africanos mude.

Ao analisar esse romance também é interessante observar como as relações que a protagonista estabelece com o seu meio vão ao encontro da posição da própria mãe dela. De facto, a relação que Gita tem com a mãe torna-se um dos eixos centrais de leitura desta obra. Essa relação, que nos é contada através das recordações da criança, aparece como uma relação conflituosa em que não existia identificação da filha com a mãe. Aliás, raras são as vezes em que Gita pronuncia a palavra “mãe”. Amélia é desde o início do romance associada à Casa Branca e é descrita de forma negativa. É vista como uma personagem que não vive em adequação com o seu meio, marcada por uma má imagem de África. A obsessão dela em “domesticar” (Gersão, 1997: 11) o seu espaço assim como o medo constante de apanhar alguma doença ou algum feitiço revelam um mal-estar percebido pela filha.

Amélia é descrita como uma mulher magra e amarga que tem relações conflituosas com a filha. Foi Lóia, a ama negra, que deu o peito à Gita para a alimentar. Sabe-se hoje que o facto de amamentar uma criança não se limita a satisfazer as necessidades alimentares dela. A amamentação também transmite segurança, proximidade e afecto. Mais do que um acto simplesmente nutritivo, também estimula a criança e cria ligações fortes com ela. Por isso, percebemos aqui um dos motivos que explica a razão pela qual Gita se identifica mais com a casa preta que é, para ela, a sua casa de pertença:

Lóia dá um peito a uma e outro peito a outra, sentada na cozinha e no quintal. E assim, eu ganho o mesmo cheiro de Orquídea e uma

carne densa e flexível, ao mesmo tempo cheia e sem gordura, coberta por uma pele macia como seda. Lóia não se separa de nós, às vezes nem sequer quando dormimos. (Gersão, 1997: 19).

Gita considera Orquídea, a filha de Lóia, como uma irmã gêmea, sem distinções de raça ou de classe social. Em contrapartida, rejeita Amélia, a mãe, que é frequentemente descrita como uma mulher que vive a trabalhar no quarto de costura e que só pensa em conseguir uma ascensão social. Amélia representa, de certa forma, a figura do colonizador estereotipado que rejeita os negros através de um discurso limitado e racista. O negro é visto por ela como um preguiçoso, sem ambição, mentiroso e traidor. Também se revolta contra o marido e a filha que considera lentos demais e sem ambição. Contudo, é de notar que Amélia sofre com o facto de Gita gostar mais de Lóia do que dela. Ela tenta educar a filha através dos seus valores, como por exemplo, a prática da dança clássica ou o uso de vestuários europeus burgueses, mas Gita recusa essa educação que não é adequada à sociedade moçambicana, nem aos valores africanos.

De acordo com Inara Rodrigues, Amélia aparece nesta obra como uma espécie de Cinderela ao avesso (Rodrigues, 2006: 62). Foi educada em Portugal pela madrinha que a tratava como uma criada e onde não conseguiu casar-se com o homem que amava verdadeiramente. Acabou por imigrar para Moçambique onde se casou por anúncio. Continuou a trabalhar como costureira e a viver uma vida plena de frustrações. Acabou por abandonar o marido e filha e foi viver para Sidney com Bob Pereira, um homem rico com quem correspondia e que lhe prometia a vida que sempre sonhou ter.

Ao contrário da mãe, Gita consegue estabelecer ligações fortes com o pai, Laureano, que, segundo o seu ponto de vista, também faz parte da Casa Preta. O pai aparece como uma pessoa calma e sensível que inicia a filha ao prazer do cinema. Os momentos passados com ele são momentos privilegiados para ela que ficaram gravados para sempre na memória.

Maria Graciete Besse diz a respeito da *Árvore das palavras*: “La dissolution du sujet, sa fragmentation et sa fluidité fonctionnent parfois comme la pulsation d’un chant primordial où se trouve la mère et l’enfance.” (Besse, 2006: 86). De acordo com a crítica, é interessante observar neste romance a forma como a

personagem de Gita não corresponde a um determinismo cultural simplesmente transmitido pela família. Aqui, a personagem tem uma visão do mundo mais sensível, com uma relação mais atenta aos seres e às coisas. A identidade do sujeito é plural, com uma abertura ao mundo e aos outros que lhe é intrínseca. Como o mostra Edmond Marc Lipiansky, a identidade é um fenómeno complexo e multidimensional que também não deixa de ser paradoxal (Lipiansky, 1998: 22). Embora a identidade procure a distinção e os traços que a tornam única, ela também procura o que é idêntico. No fundo, oscila entre a similitude e a diferença. No romance, é interessante observar como a narradora descreve a imagem que tem de si própria a partir da relação que instaura com os outros. Como vimos na citação anterior, a imagem que Gita tem de ela própria, a forma como ela vive o seu corpo está relacionada com o mundo de Lóia e da filha Orquídea. Ao contacto de Lóia, assistimos a uma transformação do corpo que participa da constituição da identidade da personagem. De facto, a imagem do corpo aparece como a base da imagem de si. Gita vive o seu corpo como se fosse o corpo de uma africana e não o de uma portuguesa. A questão da cor é inexistente para a narradora:

Eu olhava Orquídea, na claridade frouxa, como se olhasse um espelho. Do meu tamanho, em tudo igual a mim. [...] O dia inteiro eu era sua irmã.

[...] Até que vou ter com Lóia: Quero o cabelo como Orquídea. Penteados em tranças em volta da cabeça. Lóia tira as mãos da bacia da roupa e desata a rir.

[...] Mas o resultado é deslumbrante: fico exactamente igual a Orquídea. [...] Abraço a minha imagem, que por toda a parte me segue, e que é Orquídea. (Gersão, 1997: 19-20).

Assim percebemos que o relacionamento com o quadro familiar ocorre neste contexto com singularidade. As primeiras interações com as crianças sendo fundamentais para a constituição da identidade delas, observamos aqui como o papel da mãe é negado a Amélia. Gita desenvolve os laços afectivos através do olhar da ama africana e só aceita os cuidados, as carícias e a alimentação dela. Essa identificação à imagem da ama acompanha-se também de valores aos quais a

protagonista parece aderir:

Ficava-se muito tempo debaixo da árvore, encostado ao tronco, e, como eu disse, a gente transformava-se em árvore. Ou também em pássaro, embora voar fosse mais difícil. Mas ser coisas era fácil. Porque de repente se tinha na mão a raiz de tudo o que era vivo. Então o primeiro ouvido abria-se e começava a ouvir o vento. E depois de muito tempo o segundo ouvido abria-se e começava a ouvir a chuva. E havia ainda muitos outros ouvidos, que escutavam o sangue e a voz das coisas. (Gersão, 1997: 21).

De facto, a educação de Gita passa pela aquisição dos valores africanos que lhes são transmitidos pela ama. A narradora descreve o ambiente através de uma leitura animista do mundo e mostra como foi iniciada a uma sensibilidade que não corresponde à educação portuguesa da mãe. Lóia ensina Gita a importância da árvore simbólica que é a árvore dos antepassados. Através dessa crença ancestral nas culturas africanas, a ama explica à protagonista como perceber a ordem das coisas e do mundo, a importância dos espíritos e dos deuses e a necessidade do canto e da dança para evocar os espíritos. Nessa iniciação, Gita interioriza, pouco a pouco, o facto de pertencer à cultura negra. Aprende a ver, a reagir e a comportar-se com o seu meio social. Percebe-se então que a rejeição para com a mãe acaba por ser uma espécie de defesa da própria identidade de Gita. A roupa, a dança clássica, os valores materialistas, o medo aos feitiços iam ao encontro das representações partilhadas pelos outros membros do grupo. Ao recusar a mentalidade dos habitantes do país, Amélia estava no fundo a recusar a mentalidade da própria filha.

Em contrapartida, o papel do pai aparece como fundamental para o equilíbrio da criança apesar da descrição aparentemente neutra desta personagem:

Viver é muito fácil, porque meço a partir de ti o norte e o sul. Basta que existas para que os meridianos se arrumem e os oceanos não transbordem. Estás sentado na cadeira-à-aviador e eu ando em volta, parto para mais perto ou mais longe, posso mesmo voltar-te as costas e partir noutra direcção, sei que não vou perder-me, porque tu estarás

sempre sentado, a ler o jornal, ao fim da tarde. Todas as vezes que eu voltar a cabeça, ver-te-ei. (Gersão, 1997: 29).

Laureano Capítulo é descrito como um homem bom, uma pessoa aberta, integrada no seu meio. Percebe-se rapidamente que ele também não conseguiu estabelecer boas relações com a mãe de Gita. Contudo, torna-se um ponto de referência fulcral para a filha, que chega a idealizar o pai ao compará-lo ao rei da savana. Laureano acaba por ser a única pessoa da verdadeira família dela com quem a protagonista pode identificar-se e comunicar. Ademais, a relação pai-filha torna-se aqui possível sem que algum elemento exterior possa impedir a fusão.

Na terceira parte deste romance, em que Gita se torna uma jovem adolescente, o leitor também é informado quanto à evolução psicológica da personagem. Sabemos que Amélia abandonou a família, que Laureano se tornou uma personagem triste, mas também descobrimos aqui o primeiro verdadeiro relacionamento amoroso de Gita. A protagonista é descrita desde o início desta terceira parte com um grupo de amigos ao qual pertence. As questões ligadas à cor dos amigos não são evocadas aqui. Sabemos contudo que Rodrigo tem um irmão negro e que ele próprio tem olhos verdes ou azuis. Esta personagem é descrita desde o início desta última parte através dos olhos apaixonados de Gita. Descobrimos que o pai dele era violento para com a mãe e que ele próprio já tinha uma namorada que dizia amar.

É interessante observar como as descrições feitas nesta terceira parte das casas da infância de Gita são apresentadas de forma mais realista. O espaço paradisíaco relatado no início do romance torna-se aqui num espaço rude que não reunia boas condições de vida. Aos risos de dentes brancos de Lóia, são agora confrontados os choros das crianças e das mulheres. Também descobrimos nesta parte que a ama africana faleceu de tuberculose sem que Gita tenha sido avisada.

A noção de identidade é um processo que se modifica gradualmente ao longo da existência de cada ser. As experiências e as modificações que delas decorrem não funcionam de forma linear. A identidade constrói-se através de rupturas e até de crises que participam da transformação do ser. Como lembra Alex Mucchielli (1986), Erikson, depois de Freud, mostrou como todas as identidades se constituem com processos de assimilação-acomodação que contêm fases de

identificação/fusão e de distanciamento/rejeição. O dilema é conseguir um bom distanciamento afectivo para atingir a autonomia (Mucchieli, 1986: 76). Dentro desta busca de autonomia, Gita procura perceber melhor a imagem dessa figura materna rejeitada durante tantos anos:

(Mas agora Amélia é uma imagem quase doce. Ou sou eu que a vejo de outro modo. Peguei no que restava dela – fotografias, papéis, recortes de jornais, recordações – e juntei-os todos, reinventei-os todos, até surgir, com nitidez, uma figura. Um rosto diante dos meus olhos, que olha para mim, por sua vez. Com grandes olhos tristes. Ela sentava-se no chão e começava a chorar. Como uma criança perdida. Mas ninguém foi culpado, nem Laureano, nem eu. Era uma tristeza maior do que nós e mais antiga. Trouxe-a quando chegou, levou-a quando partiu. Ninguém a quebrou. Ninguém foi culpado.) (Gersão, 1997: 222).

Gita não chega a perdoar a mãe, mas tenta perceber o seu percurso caótico. Presa numa história da qual não conseguiu distanciar-se, a infelicidade de Amélia levou-a a cometer sempre os mesmos erros, numa espécie de tentativa de fuga contra o destino. Mais uma vez Amélia tinha respondido a um anúncio, mais uma vez emigrou sem conhecer o homem por quem abandonou a família, certamente não encontrara nesse novo destino a felicidade tão desejada.

A história de amor de Gita também conhece um desenlace doloroso, já que Rodrigo a abandonou quando julgou que estava grávida dele. A violência com a qual recebeu a notícia deixa pensar que o jovem também se encontra preso na própria história dos seus pais. Essa primeira experiência amorosa negativa leva Gita a reagir, certamente para não reproduzir, por sua vez, os mesmos erros que a mãe. Ela resolve ir estudar para Lisboa.

A terceira parte do romance, que coincide com o final da adolescência de Gita (e a passagem à idade adulta), desenrola-se simbolicamente no momento em que a guerra colonial começa em Moçambique. O olhar mais crítico da protagonista denuncia desta vez as injustiças ligadas às questões de raça:

Chegou entretanto a época das chuvas e como sempre a cidade ficou partida ao meio, foi bênção de um lado e maldição do outro: a chuva lavava os prédios e as ruas, regava os jardins e fazia nascer flores na cidade dos brancos, e abria feridas profundas na cidade dos negros, convertida em pântano. As areias tinham-se tornado em lama, as fossas transbordavam de dejectos, água suja invadia as casas, água putrefacta, juncada de detritos. (Gersão, 1997: 197).

Gita não concorda com essa guerra “absurda” (Gersão, 1997: 208) que ninguém queria. Aliás, chega a apoiar no romance a ideia de um Moçambique independente e fica à espera do dia em que “a cidade de caniço vai engolir a de cimento” (Gersão, 1997: 180).

Mais uma vez, a associação entre o percurso da personagem e a situação política do país mostra a vontade por parte da autora de criar uma identificação forte entre a personagem e o continente africano. O próprio espaço físico vai evoluindo ao mesmo tempo do que Gita, numa fusão que não deixa de lembrar as crenças ancestrais africanas, o diálogo constante entre os seres e a natureza.

A árvore das palavras é um romance cuja dimensão poética acompanha a evolução das personagens com o intuito de criar uma fusão entre os seres e as coisas, propondo assim uma definição de uma época e de famílias sobre as quais se sabe, no fundo, pouco.

Como salienta ainda Maria Graciete Besse, é precisamente a experiência do olhar, das sensações e das projecções mentais que unifica o cósmico e o quotidiano dessas personagens (Besse, 2001: 148). De acordo com a estudiosa, é interessante observar como existe, através das recordações de Gita, uma sintonia entre o pensamento e as sensações, um equilíbrio que faz referência a momentos paradisíacos e de plenitude absoluta.

A relação da narradora com o espaço não aceita delimitações temporais:

Fechávamos os olhos, sabendo que éramos nós a presa, e que a força pesava sobre nós, como um encanto. O vento varria o pensamento, ficava apenas um instante único, parado, sob o ardor do sol. Não existia passado nem futuro, nem mesmo presente, o tempo saía do

seu trilho e media-se por medidas loucas, tinha a dimensão gigantesca do canhoeiro ou da mangueira e o ínfimo tamanho das abelhas. O tempo não existia, nem nós. Só havia aqui e ali manchas de flores, no meio do vazio, e o perfume do cajueiro no vento. (Gersão, 1997: 64).

Moçambique é associado à ideia de liberdade, um país em que o tempo não age sobre os seres. A protagonista recorda aqui um momento em que nem as palavras servem para explicar algo que nos escapa completamente. Há aqui como uma falta de lógica, de coerência, que justapõe e opõe a rigidez do raciocínio à uma realidade pura e crua de uma natureza que escapa ao nosso alcance. As recordações fragmentadas do romance supõem precisamente uma visão do mundo fora de tudo, em que a palavra acaba por ser o único recurso para libertar um pensamento que vai ao encontro da unidade. Esse pensamento fragmentado mostra como a cultura e a identidade de cada ser são constituídas pela pluralidade das experiências. Também nos informa sobre a impossibilidade de ver o passado através de uma leitura única. A pontuação contribui para uma escrita fragmentada do romance, impondo um ritmo lento e evocativo. A obra aparenta-se a uma busca do eu através da materilização da memória pelo texto. O percurso da personagem é, na maior parte do texto, apresentado através de uma focalização interna que revela diferentes momentos da formação do ego da personagem. Na verdade, o uso do fragmento faz-nos lembrar aqui a concepção de Roland Barthes (1975) que vê no fragmento a recusa de uma visão contínua e totalitária. Para Barthes, a prática da fragmentação privilegia a divisão e as rupturas que aparecem como formas de escritas definitivamente modernas.

Por outro lado, as imagens mnésicas relativas à infância reenviam também para uma experiência da alteridade que nunca mais deixará de fazer parte da identidade da personagem. A liberdade discursiva é aqui necessária para poder expressar a experiência do outro, a forma como a África fará sempre parte da vida de Gita. A infância passada em Moçambique ensinou-lhe de facto que não existia nenhuma hierarquia das raças e que nenhuma cultura era superior a outra:

E no entanto nenhuma pessoa, e nenhuma cultura, é melhor que a outra, e também os brancos têm muito a aprender com os negros,

digo. Por exemplo, os negros nunca batem nos filhos, trazem-nos junto a si, falam com eles, atravessam juntos o desenrolar das coisas, e as crianças aprendem que há um tempo de trabalho e um tempo de repouso, um tempo de dança e um tempo de sono, há o lugar da vida e o da morte, o da alegria e o da tristeza, o lugar dos humanos e daquilo que é superior a nós e nos ultrapassa. (Gersão, 1997: 206).

Acabaremos esta análise sobre a importância da noção de hibridismo que está presente ao longo da obra como um painel de fundo. De facto, ao interrogarmo-nos sobre questões identitárias, não podemos fazer a economia de reflectir sobre a noção de hibridismo cultural no que diz respeito à personagem de Gita.

A noção de hibridismo, que reenvia em geral para as literaturas póscoloniais, é uma noção que propõe uma concepção que vai além das fronteiras, um entre-dois para lembrar Homi Bhabha. O hibridismo diz respeito à diferença, à diversidade e à multiplicidade identitária. Trata-se de uma noção que rejeita o essencialismo, privilegiando a noção de miscigenação. Contudo, parece-nos importante realçar a ideia de que a noção de hibridismo parece neste romance estar mais ligada à noção de diversidade, no sentido de um pensamento rizoma (Glissant, 1990: 23), que se abre à diferença do outro. Trata-se de uma noção que vai no sentido de uma desterritorialização, que privilegia as inter-relações. Ao contacto dos outros, o sujeito torna-se também outro. Esse ponto é claramente identificado por Christine Chivallon no seu artigo “La diaspora noire des Amériques” que mostra como a noção de hibridismo não pode ser associada a uma noção de identidade cultural “de raiz” já que os movimentos migratórios mostram por exemplo como a identidade pode mudar quando se desterritorializa e se reterritorializa (Chivallon, 2002: 61). O hibridismo neste sentido relaciona-se também mais com o conceito de diversidade do que com o de mestiçagem.

A originalidade da obra *A árvore das palavras* tem a ver com o facto de que a noção de hibridismo cultural se coloca aqui no contexto de uma família de colonos portugueses. O romance mostra como a experiência de desterritorialização (Portugal) e reterritorialização (Moçambique) alterou essa família (com a excepção de Amélia) cuja filha se identificava mais com a ama negra do que com as primas

de Portugal:

Eu imitava Lóia [...]. Sentava-me por exemplo no quintal e fechava os olhos, balançando o corpo. Ou, de olhos abertos, olhava fixamente a luz. Então o mundo em redor desaparecia, ou fixava pelo menos muito longe.

Ou falava, como ela, às formigas: Ouvi, formigas, o que tenho para contar.

As formigas, vendo bem, era com quem melhor se falava. Se se contasse algum segredo aos pássaros eles podiam gritá-lo sobre os telhados e espalhá-lo pelo mundo. Mas com as formigas estava-se seguro.[...]

Ou sentava-me debaixo da árvore do quintal e falava com o vento e as folhas: a árvore das palavras.

Às vezes essa árvore reaparecia nos sonhos: Crescia à beira de um rio e tinha ramos que chegavam ao céu. (Gersão, 1997: 38-39).

A imagem da árvore reenvia nesta obra para várias significações. Desde o início do romance é associada ao corpo, assumindo assim um símbolo de força vital, de pulsão de vida:

Todas as coisas, no quintal, dançavam, as folhas, a terra, as manchas de sol, os ramos, as árvores, as sombras. Dançavam e não tinham limite, nada tinha limite, nem mesmo o corpo, que crescia em todas as direcções e era grande como o mundo. O corpo era a árvore e o corpo era o vento. (Gersão, 1997: 16).

Contudo, podemos observar como a narradora tanto associa o corpo à árvore como ao vento, com o objectivo de mostrar uma percepção do mundo em que a vida se encontra em cada um dos seus elementos, na lógica das crenças tradicionais africanas. Aliás, o símbolo da árvore também é evocado na obra através da ama africana que explica à Gita a importância da árvore dos antepassados e o papel dessa árvore nas culturas tradicionais africanas, como já o salientamos. A

questão da palavra também pode ser associada aqui ao verbo criador, inerente à filosofia africana, sendo ela a origem do mundo, a força divina da criação. Essas referências às culturas africanas podem numa segunda leitura ser associadas a outras visões do mundo. A mesma árvore também nos é descrita através da sua verticalidade e da sua ascensão ao céu, de tal modo que também pode ser interpretada numa leitura ligada à fé cristã. A palavra seria então aqui associada à árvore do conhecimento. No entanto, o que parece prevalecer, de um ponto de vista simbólico, é precisamente a questão da ramificação. De facto, a imagem dos ramos põe em realce as noções de multiplicidade e de diversidade, em acordo com a visão rizomática, acima sugerida.

O romance *A árvore das palavras* mostra-nos como a experiência do continente africano também alterou as famílias portuguesas que lá se encontravam de um ponto de vista identitário. O contacto com a cultura do outro abriu a protagonista para uma percepção de si mesma e do mundo que não podia aceitar nenhuma leitura binária (até a da própria mãe). A identidade de Gita está de acordo com o pensamento rizomático no sentido de numa leitura do mundo mais ativa, aberta e criativa, em que o outro não se opõe mas antes, pelo contrário, participa na riqueza da constituição do ser. Ao analisarmos este romance, observamos como a escrita de Teolinda Gersão propõe uma visão do mundo poética, criativa e mais moderna, que escapa à lógica colonial que abafava e que até podia chegar a desorientar os seus protagonistas como no caso de Amélia. A riqueza do tempo interno, vivido por Gita, opõe-se a um tempo histórico destituído de valores fundamentais. Essa oposição abre-se no final do romance para novos tempos, que continuarão certamente a reforçar a força vital das palavras.

BIBLIOGRAFIA

- Barthes, Roland, 1975, *Roland Barthes par Roland Barthes*, Paris, Seuil.
- Besse, Maria Graciete, 2001, *Percursos no feminino*, Lisboa, Ulmeiro.
- Besse, Maria Graciete, 2006, *Littérature portugaise*, Aix-en-Provence, Édisud.
- Chevalier, Jean & Gheerbrant, Alain, 1982, *Dictionnaire des symboles*, Paris, Robert Laffont/Jupiter.
- Chivallon, Christine, 2002, “La diaspora noire des Amériques”, in *L’Homme*, nº 161, pp. 51-74, in <http://journals.openedition.org/lhomme/139> (consultado em 16 de junho de 2019).
- Gersão, Teolinda, 1997, *A árvore das palavras*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Glissant, Édouard, 1990, *La Poétique de la Relation*, Paris, Gallimard.
- Lipiansky, Edmond Marc, 1998, “L’identité personnelle”, in Jean-Claude Ruano-Borbalan & Catherine Halpern (org.), *L’identité, l’individu, le groupe, la société*, Paris, Editions Sciences humaines, pp. 21-30.
- Martins, José Cândido de Oliveira, 2015, “A *Árvore das Palavras* de Teolinda Gersão: vozes e visões de África no feminino” in Elias J. Torres Feijó et al., (eds.), *Estudos da AIL em Literatura, História e Cultura Portuguesas*, Santiago de Compostela – Coimbra, AIL Editora, pp. 73-80.
- Mucchieli, Alex, 1986, *L’identité*, Paris, Presses Universitaires de France.
- Rodrigues, Inara de Oliveira, 2006, “O espaço do incomunicável em *A árvore das palavras*, de Teolinda Gersão”, in *Letras de hoje*, v. 41, nº 3, pp. 57-66, in <http://revistaselectronicas.pucrs.br/fzva/ojs/index.php/fale/article/view/615> (consultado em 16 de junho de 2019).